

ESPORTE, MULHERES E MASCULINIDADES

Diego Luz Moura (UniverCidade)

Gilmara dos Santos Bento (UniverCidade)

Felix Oliveira dos Santos (UniverCidade)

Hugo Lovisololo (UERJ)

Resumo

O objetivo deste artigo é compreender as dificuldades de permanência de mulheres em esportes considerados masculinos. Investigamos dois grupos: o primeiro, composto de jovens do Rio de Janeiro praticantes de futebol; o segundo é representado por Ana, profissional de MMA. Realizamos entrevistas semiestruturadas. Identificamos similaridades nas trajetórias destas mulheres desde as atividades de infância, que são reafirmadas na construção da identidade atleta. A habilidade esportiva e persistência é um passaporte de aceitação neste espaço. A permanência das praticantes desperta desconfiança sobre sua orientação sexual. Em contrapartida, acionam um discurso de busca da beleza e vaidade para legitimar o espaço.

Palavras-chaves: esporte, mulheres e masculinidades

Resumen

El objetivo del artículo es entender las dificultades de permanencia de mujeres en deportes considerados masculinos. Investigamos dos grupos. El primero formado por jóvenes practicantes de fútbol en Rio de Janeiro. El segundo, está representado por una profesional de MMA. Realizamos entrevistas semi-estructuradas e identificamos trayectorias similares desde la infancia en la actividad física que son realirmadas en la construcción de la identidad de la atleta. La habilidad deportiva y la persistencia funciona como pasaporte para ser aceptadas en los deportes en cuestión. La permanencia de las practicantes despierta desconfianza sobre la orientación sexual que acciona un discurso de búsqueda de la belleza y de vanidad como estrategia de legitimación.

Palabras-claves: deporte, mujeres y masculinidad

Abstract

This article aims to understand the difficulties of permanence of women in sports as men. Investigated two groups. The first consists of young football players from Rio de Janeiro. The second is represented by Ana, professional MMA. We conducted semi-structured. Identify similarities in the paths of these women from the activities of childhood, which are reaffirmed in the construction of identity athlete. The athletic ability and persistence is a passport to be accepted here. The permanence of practitioners arouses suspicion about his sexual orientation. In contrast, trigger a discourse on beauty and vanity of seeking to legitimize the space.

Key words: sport, women and masculinities

Introdução

O esporte é um fenômeno social que vem ganhando centralidade na modernidade, através de sua análise podemos identificar e compreender processos de mudanças e transformações que ocorrem na sociedade. Uma destas novas configurações do campo esportivo é o crescente aumento da participação de mulheres em práticas esportivas que demandam confronto e agressividade¹. Em meados do século XIX, Herbert Spencer, que era a favor das atividades corporais naturais e dos esportes, se lamentava da rejeição das famílias à participação das mulheres nessas práticas, aceitava resmungando a ginástica enquanto uma atividade substituta (Lovisolo, 1997). Avançando até o século XX se encontravam expressões de especialistas e não especialistas contrários à participação de mulheres em esportes de confronto. As razões negativas, de modo geral, tanto aludiam a questões fisiológicas e psicológicas quanto estéticas (Goellner, 2003; Lovisolo; Soares; Bartholo, 2006). Isto deve ser ponderado, pois, no caso do Brasil, o handebol, um esporte de confronto e agressividade, foi aceito como esporte feminino com mais facilidade do que o futebol, embora talvez seja mais violento e perigoso para a integridade dos atletas, masculinos e femininos.

O aumento da participação das mulheres em esportes de confronto e agressividade é hoje um fenômeno que tem sido aceito, embora em algumas práticas ainda carreguem um conceito de transgressão. Dunning (1992), a partir do exemplo do rúgbi, na sociedade

britânica, aponta que os esportes com maior índice de agressividade e violência se tornaram um dos poucos espaços de reserva masculina. Segundo o autor, com o aumento do poder político das mulheres, o espaço de sociabilidade do rúgbi foi utilizado como uma forma de reação masculina. Nestes espaços, os homens poderiam ironizar e caluniar as mulheres. Era comum que os homens cantassem certas músicas como forma de avisar às mulheres para que não se aproximassem. O argumento de Dunning é que os esportes de confronto acabaram por se transformar em espaços de reserva da identidade masculina. Contudo, esta tendência quebrou-se e mesmo pode ter sofrido uma inversão definitiva. Um exemplo disso é o caso do futebol (soccer) nos Estados Unidos, seu desenvolvimento mundial e o crescimento de sua prática no Brasil.

Quando existia uma forte identificação entre esporte e masculinidade, ela não desapareceu totalmente dado que as mudanças nem sempre são rápidas, as mulheres que decidiam escolher esse tipo de esporte eram relacionadas à uma orientação sexual homoerótica. Desta forma, a decisão de ingressar nestas práticas trazia consigo uma série de rotulações. Uma questão significativa é o grau ou importância que ainda tem a identificação esporte-masculinidade e como continua incidindo nas escolhas e práticas.

O objetivo deste artigo é compreender as dificuldades de permanência de mulheres em práticas esportivas de confronto e agressividade, que são consideradas masculinas. Investigamos dois grupos em estágios diferentes do processo de profissionalização. O primeiro grupo é composto de jovens praticantes de futebol que sonham com uma futura profissionalização no esporte, enquanto enfrentam os primeiros conflitos de participarem de uma prática de identificação masculina. No segundo grupo se encontra o relato de Ana, uma atleta profissional de Mixed Marcial Arts (MMA)², pioneira neste estilo de luta que demanda extrema agressividade, sendo associado, no senso comum, a um esporte violento.

Metodologia

A metodologia desta pesquisa baseou-se em entrevistas semiestruturadas. Entrevistamos as oito meninas que praticam futebol no clube Europa. As praticantes são moradoras da Taquara e dos bairros do entorno. Possuem faixa etária variando de 10 a 17 anos. O clube Europa é uma entidade tradicional e está localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, na parte central do bairro da Taquara.

Na amostra de atletas profissionais, inicialmente, tínhamos como objetivo selecionar um grupo de atletas profissionais de Mixed Marcial Arts (MMA). Realizamos incursões em academias especializadas no Rio de Janeiro. Entretanto, deparamo-nos com uma extrema dificuldade de encontrar tais atletas. Deste modo, alteramos a estratégia e consultamos alguns empresários que realizam eventos de MMA em nível nacional e internacional. Os empresários afirmaram que no Brasil, atualmente, existem cerca de 20 atletas profissionais de MMA, embora não se lembrassem de todas estas. A conversa com os empresários nos encaminhou a uma das lutadoras pioneiras. Ana Maria é praticante profissional de MMA desde 2005. A entrevista foi realizada na academia ZS, onde a atleta treina diariamente. A academia ZS é especializada na prática do MMA e possui visibilidade e repercussão no Rio de Janeiro, Brasil e em eventos internacionais. Ana foi a única mulher que representou a equipe Lagoa Team, que é considerada uma das principais equipes de MMA nacional e internacionalmente.

Todas as entrevistas foram realizadas no local onde as praticantes realizam suas atividades.

As meninas do futebol do clube Europa

Escolhemos o clube Europa, após conhecer o relato de Sonia, a treinadora da equipe de futebol. Sonia relatou que, ao iniciar sua atuação no clube Europa, começou a perceber que os pais das atletas apresentavam uma postura inversa sobre a prática do futebol para os filhos

homens e mulheres. Por um lado, apresentavam o orgulho em acompanhar os meninos nos jogos e competições e uma indiferença em relação às meninas. Sonia relata que começou a perceber um medo constante, tanto por parte dos pais das praticantes quanto dos representantes do clube, de que as meninas se apropriassem de características masculinas e, em consequência disto, se tornassem lésbicas. Sonia conversou com alguns pais que apontaram como sendo uma das causas deste medo a incorporação de novos hábitos que as meninas estavam adquirindo, como assistir os telejornais esportivos e conversar sobre as novidades do universo do futebol.

Sonia relata que, ao começar a treinar a equipe de futebol feminino do clube, causou espanto e curiosidade nas pessoas, pelo fato de ser professora de futebol e mulher. No primeiro momento, ouvia os comentários dos pais e dirigentes do clube, de que mulher não sabia jogar bola. Sonia conseguiu respeito e confiança quando demonstrou habilidade no futebol. Importa destacar que a demonstração da habilidade provoca uma mudança no preconceito de que *“mulher não sabe jogar bola”*, assim o preconceito parecia estar baseado em evidências que, ao mudarem, o eliminam ou reduzem. Ainda sobre a entrada de Sonia no clube Europa, dois fatos despertaram a nossa atenção. *“O primeiro foi logo quando iniciei as minhas aulas no clube”*. Os pais dos alunos queriam saber seus costumes e preferências, sempre puxavam conversa para saber se era mãe ou possuía alguma relação afetiva heterossexual. Claramente a comunidade do clube pretendia *“descobrir”* a orientação sexual de Sonia. Parece que na concepção dos pais, de alguma maneira, o fato de uma mulher jogar futebol e ainda ser professora estava relacionado, mais que com a masculinidade, com a preferência heterossexual. Em outros termos, o futebol excluiria a homossexualidade e tradicionalmente foi um lugar onde os meninos se faziam homens (Lovisolo; Soares; Bartholo, 2006). Jogadoras sim, porém heterossexuais! O segundo fato foi quando o coordenador de futebol solicitou que ela tentasse mudar um pouco o comportamento de

algumas meninas e que as incentivasse a terem mais vaidade. Há um filme americano clássico, *Um time muito especial*, que mostra quando a formação da liga feminina de beisebol tentava feminizar as jogadoras, não raro de origem rural ou suburbano.

Outro fato foi quando o clube distribuiu um kit para as meninas, que continha um prendedor de cabelo cor-de-rosa e itens de maquiagem. O kit tinha como intenção manter o “charme das meninas”. Podemos perceber essa estratégia dos dirigentes do clube Europa semelhante àquela descrita por Knijnik (2001), quando a federação paulista de futebol realizou diversas campanhas para embelezar as atletas. De modo geral, estes dados confirmam a hipótese de que as atletas mulheres precisam, antes de tudo, ter seu visual aprovado (Knijnik, 2001). Insistamos: jogadoras, porém femininas!

Conhecendo as praticantes: futebol, família e atividades de lazer

As praticantes possuem um tempo de prática do futebol no clube que varia de 3 meses a 1 ano e meio. O grupo iniciou a prática de futebol no clube com uma idade média de aproximadamente de 12 anos. É, portanto, um grupo heterogêneo em relação ao tempo de prática. As praticantes relatam que, antes de iniciar suas atividades no clube tiveram contato com o futebol em outros espaços, com destaque às ruas do bairro, junto com alguns familiares e amigos: “*Quando morava em Araruama, eu acordava, ia chamar minha vizinha, que sabia jogar e ficávamos jogando até tarde*” (Vitória); “*minha mãe e meu pai iam trabalhar e eu ficava na minha vila jogando futebol com minha prima*” (Marcela). Sobre o início da prática do futebol, nossos dados corroboram com Moura (2005), ao afirmar que as meninas, de modo geral, iniciam a prática de futebol somente na puberdade, quando conseguem maior autonomia para negociar seus interesses, o que se diferencia dos meninos, que são incentivados desde a infância à prática do futebol.

As brincadeiras na infância

Sobre as brincadeiras realizadas na infância, as meninas destacam as que contêm agressividade e violência como as mais praticadas. As praticantes afirmam que: *“Nunca gostei de bonecas”* (Ana Beatriz); *“Não gosto de bonecas, até os meus cinco anos gostei, depois descobri outras coisas interessantes”* (Natacha). Marcela relatou, de maneira mais explícita, as brincadeiras agressivas que as meninas participavam na infância: *“Eu odeio boneca, oh troço! Meu quarto era cheio de bonecas, mas, na hora de brincar, não sabia o que ia falar e não sabia se iam gostar do que eu ia falar, então ficava batendo na minha prima que era mais divertido, brincando de porradinha.”* (Marcela).

As meninas, ao se reportarem à memória para indicar os tipos de brincadeiras que mais praticavam na infância, destacam o futebol e aquelas ligadas a atitudes agressivas. Segundo Santos (1998), a memória atua de modo seletivo e recontextualizado. A memória seleciona fragmentos do passado para fornecer coerência às situações do presente. No caso das meninas, a memória se encarrega de destacar os fatores que fornecem maior coerência com sua identidade e seus interesses, que estão sendo construídos no presente.

A prática do futebol: entre o público e o privado

Para este grupo, a atividade física se constitui como uma prática que foi incorporada ao estilo de vida das meninas. Todas assumiram praticar futebol nos horários de lazer e assistir telejornais esportivos. Stigger (2001) apontou que o esporte é um fenômeno heterogêneo que pode ser apropriado como um elemento do estilo de vida.

A alta adesão e gosto das meninas pelo futebol podem ser identificados através de seus relatos, ao declararem praticar o futebol na rua junto aos meninos. Comentam que já estão acostumadas a jogar com os meninos e, muitas vezes, ouvem o seguinte: *“Bola é para homem, não para mulher”*. O termo “mulher macho” é uma rotulação utilizada para as

meninas que se dispõem a “entrar” neste contexto cultural. Entrar em determinados locais e realizar determinadas práticas, geralmente, produzem sanções punitivas e, por vezes, rotulações. Entretanto, podemos, também, entender que as piadas e comentários jocosos consolidam uma forma de reconhecimento (Lovisolo; Soares; Bartholo, 2006). O futebol praticado na rua pertence a uma espécie de província de significados³, espaço em que os atores sociais constroem determinados significados e partilham de valores sobre algumas atitudes. Neste contexto, o futebol é uma prática masculina e as inserções das mulheres representam um choque cultural que, por um lado, desencadeia barreiras e entraves, mas por outro lado, inicia um processo de construção de novos significados que é reforçado pela presença crescente dos jogos femininos de futebol e a participação de atletas em programas de jornalismo esportivo.

O futebol praticado na rua explicita comportamento e atitudes a um público maior de espectadores. Desta forma, as rotulações podem acontecer de modo mais amplo. Natacha relatou um desses casos “*Briguei com meu amigo Fernando e minha mãe falou para não falar mais com ele e não ir jogar na rua. Eu brincava muito, parecia uma favelada, descalça, à noite, quando saía da escola pegava uma bola de R\$15,00 mesmo e ia brincar*”. Podemos perceber que Natacha reproduz as rotulações e características que são imputadas às atitudes das meninas em jogar o futebol na rua. Realizar tal prática significa pertencer a um grupo de meninas “faveladas”. Devemos observar que ser “favelada” é uma característica considerada negativa. A rotulação de “faveladas” atua como um dispositivo de alerta sobre as fronteiras simbólicas que devem ser respeitadas.

As meninas relatam que o principal motivo pelo qual os meninos as aceitam para jogar futebol na rua é o fato de possuírem habilidade semelhante: “*Sou a melhor, jogo bem!*” (Ana Beatriz); “*Na minha rua sou a melhor das meninas, elas não sabem jogar*” (Marcela); “*Jogo muito!*” (Lhorayne). As praticantes afirmam que, quando estão jogando na rua com os

meninos, geralmente, são as primeiras a serem escolhidas, exceto Sara, que afirma não ter tanta habilidade, mas é aceita pelos meninos por causa de sua insistência⁴. De novo, então, a habilidade funciona como passaporte de reconhecimento e inclusão. Os dados confirmam o argumento apresentado por Chan-Vianna e Moura (2007). Os autores, através da análise da produção de gênero nos programas de pós-graduação *Stricto Sensu*, apontam que as evidências levantadas pelas pesquisas analisadas não permitem afirmar que a categoria gênero é o principal fator de exclusão das meninas nas atividades. Tanto na pesquisa de Chan-Vianna Moura como no caso das meninas do clube Europa, a habilidade esportiva e a insistência das meninas são os principais fatores para sua inclusão nas atividades consideradas de domínio masculino.

Futebol, masculinidade e sexualidade.

No Brasil, o futebol é considerado um espaço de construção e afirmação da masculinidade. As praticantes do clube Europa necessitaram negociar a escolha do futebol junto aos pais. Podemos classificar a reação de seus pais em três grupos.

O primeiro grupo de pais não fornece qualquer opinião sobre o assunto. Podemos perceber no relato de Marcela: *“Eu falei para ela que ia ter escolinha aqui no colégio e ela falou para falar com meu avô, acho que ela gostou, sei lá [...] Não conversamos sobre esse assunto”*.

O segundo grupo aponta concordar e incentivar a prática das filhas. A fala de Lhorayne ilustra este grupo: *“Essas brincadeiras que parece ser de homens, qualquer um pode fazer”*. Vitória afirma que: *“Minha mãe já jogou na adolescência e diz que é um esporte como qualquer outro”*.

O terceiro grupo aponta, explicitamente, o futebol como uma prática masculina e o futebol feminino seria uma forma de manifestação de uma orientação sexual homoerótica.

Destacamos as falas de algumas praticantes como Dayane: “*Meu pai falou que era coisa de Homem*”; o relato da mãe da Natacha: “*Futebol é difícil para mulheres seguirem carreira e pode influenciar na sua escolha da opção sexual*”; a mãe da Sara: “*Mulher que joga futebol é sapatão*”. Natacha afirma que sua tia “[...]falou que era errado que eu podia virar sapatão”. Já a praticante Dayane relata: “*Meus familiares não ligam muito, só meu pai e minha irmã que acham que pode masculinizar uma mulher*”. Vitória comenta que seu pai “*acha que tem que ser tudo de menina, tenho que ganhar boneca, fazer balé, mas não diz por quê*”.

Podemos perceber que as atitudes e opiniões dos familiares são variadas, não existindo uma corrente que pode ser vista como dominante ou hegemônica. O fantasma da incidência do futebol na orientação sexual, seja porque reforça tendências existentes, seja por promovê-las, ainda está presente. Temos, contudo, que observar que os relatos do terceiro grupo, embora se acusem contrários à prática do futebol para as meninas, não são determinantes para impedir que elas pratiquem o futebol. Assim, até que ponto seriam atitudes ou opiniões firmes que levassem a proibir a participação das meninas mesmo gerando conflitos familiares? Por outro lado, a defesa da não participação não provocaria piadas e ironias sobre os que proibem sua prática? Seria falta de atualidade ou modernização? Sonia nos relatou apenas um caso em que os pais foram determinantes para impedir a prática do futebol.

As praticantes afirmam que suas amigas, embora aprovelem sua participação nestes grupos, não participariam da prática do futebol por motivos variados e mesmo bastante indefinidos. “*Elas acham legal, mas não entrariam*” (Dayane). Outras participantes afirmam não saber o que suas amigas acham: “*Quando eu falei (que jogava futebol) elas ficaram rindo e não falaram nada*” (Lhorayne); “*Primeiro elas falaram que era coisa de homem, aí depois, umas garotas que têm o pai que joga futebol apoiaram*” (Natacha). Vitória comenta que foi através do futebol que melhorou sua sociabilidade com as companheiras da escola: “*Na aula*

de Educação Física no colégio eu não conhecia ninguém. Na sala, ninguém me deixava fazer os trabalhos de grupo, aí na educação física, quando começou o futebol, peguei a bola, driblei todo mundo e só passei a bola quando cansei. Depois disso, todo mundo disse que eu jogava muito e passaram a falar comigo”. Os enunciados sobre o valor da habilidade aparecem em contextos diferentes de fala. Esta ambiguidade reforça sua importância.

Podemos perceber que, embora haja o discurso de que o esporte pode influenciar na orientação sexual das praticantes, os pais não impedem que suas filhas joguem o futebol. A prática do futebol parece ter um impacto positivo chegando até a melhorar o reconhecimento e a sociabilidade, como no caso de Vitória.

O caso da atleta do MMA

[...] ninguém acredita que luto MMA e todo mundo acha que sou do fitness, da educação física e nunca que eu luto. Aí as pessoas dizem assim: mas é aquele Vale Tudo que vale soco na cara? Eu respondo que sim, aí me perguntam se machuca, aí digo que sim!

O MMA (Mixed Martial Arts) ficou conhecido no Brasil conhecido como Vale-Tudo, uma espécie de desafios entre lutadores de modalidades distintas em que não havia regras. Os desafios foram ganhando visibilidade através do evento Ultimate Fighting Championship (UFC), que foi o primeiro evento de “Vale-Tudo” televisionado a nível internacional. O UFC teve como objetivo colocar os melhores lutadores de várias modalidades em um combate sem regras, onde cada atleta defendia sua modalidade de luta. Esse evento era realizado com uma eliminatória de oito lutadores, o atleta deveria realizar três lutas para se tornar o campeão do evento.

A extrema agressividade dos atletas foi um dos ingredientes que contribuiu para que o esporte se diferenciasse de todas as outras competições de lutas televisionadas. Os primeiros UFC's tinham poucas regras, não havendo divisão de peso, limite de tempo ou equipamento

de segurança. A luta ocorria em uma gaiola octogonal, chamada de “The Octagon”. Mas a difusão e profissionalização trouxeram regras⁵ ao esporte. Em pouco tempo, foi criado um mercado e um campo profissional, do qual os atletas não participavam somente para testar sua modalidade, mas para vencer as competições e participar diretamente dos lucros proveniente dos eventos. Começaram a incorporar no seu treinamento técnicas e movimentos de diversas lutas. Portanto, a criação das regras e a apropriação de técnicas de diversas lutas deram origem à substituição do nome Vale-Tudo por MMA (Mixed Martial Arts).

Hoje, existe um mercado do MMA, onde os iniciantes disputam eventos menores até conseguirem entrar nos principais eventos como o UFC e o DREAM. Eventos que possuem premiações de até 500.000 dólares por uma única luta. Atualmente os eventos de MMA são organizados com “lutas casadas⁶”, dos quais os atletas participam apenas de uma luta.

Mesmo com o estereótipo de uma luta violenta e de domínio dos homens, podemos perceber a entrada de algumas mulheres. O primeiro registro sobre uma luta oficial feminina no Brasil foi no evento MECA 10, realizado em 20 de dezembro de 2003, em Curitiba. Esta primeira luta foi entre as atletas Ana Carolina Pinho e Carmem “Casca Grossa”. Por ser a primeira luta de MMA profissional feminina, contou com algumas regras⁷.

As brincadeiras de infância

Ana Maria nasceu em 1978, em uma pequena cidade no interior da Bahia que possuía muitos espaços livres para a prática de lazer. Quando questionada sobre as brincadeiras na infância relata que

[...] gostava muito de brincadeira de rua, como eu nasci no interior, a minha cidade é pequena, a gente brincava de esconde-esconde, valendo no centro da cidade inteira, então era muita gente brincando, sempre brinquei muito de subir em árvore, (de brincar) de guerra, e as brincadeiras sempre eram de quem derruba, de quem bate mais forte, gostava de medir força, queda de braço [...]

Podemos perceber, a partir do relato de Ana, que as brincadeiras mais praticadas na infância são aquelas que necessitam de maior agressividade. Ana até admite ter tido contato com as brincadeiras de meninas: “*Tinha meu universo da Barbie também, tinha muita boneca [...] mas eu sempre fui hiper-ativa*”. Ana, ao se reportar a memória dos jogos e brincadeiras praticadas na infância, cita apenas as atividades de tradição masculina, em especial, aquelas que utilizam da agressividade, de violência. Entretanto, não podemos afirmar que ela não realizava atividades “de menina”. Menesson (2000), em pesquisas com lutadoras, identificou que, na infância e adolescência, apontam possuir comportamentos diferentes em relação a outras meninas. Gostavam de competição, eram “bagunceiras”, se vestiam de forma semelhante aos garotos e preferiam a companhia deles, além de possuírem uma coordenação considerada incomum para garotas. Contudo, não podemos deixar de lembrar que a narrativa, desde o presente, modifica a memória, seleciona fragmentos do passado para afirmar uma identidade no presente, a partir do motivo banal de que certas características desejam ser reforçadas. Claramente, afirmar a originalidade do ser, desde a infância, é uma ótima forma de justificar e entender o próprio presente.

Os primeiros contatos com as lutas

Seu primeiro contato com as lutas foi através da observação dos treinos de Jiu-jitsu que aconteciam na academia onde praticava musculação. Devido ao constante contato com os lutadores, foi aos poucos sendo convidada a praticar Jiu-Jitsu.

A academia que eu ia malhar tinha Jiu-jitsu e no horário em que malhava eu ficava vendo o professor, que era do meu tamanho, pegar os caras grandes. Eu ficava chocada, se esse cara faz isso aí eu faço também porque ele é do meu tamanho, pegava os caras grandes e dava um nó [...] Ele me convidava e eu não tinha quimono, aí eu juntei dinheiro comprei um quimono e foi amor à primeira vista

Ana, em sua primeira aula de jiu-jitsu, descreve uma espécie de ritual de iniciação, de seleção e confirmação, no grupo de lutadores.

No primeiro dia de aula eu estava mexendo em uma luva e ele (o treinador) falou: *Bota essa luva aí e sai na porrada com aquele menino ali. Claro que eu não sabia fazer nada, aí o cara ainda ficou me tirando, essa coisa de homem, aí eu fiquei nervosa. Eu peguei a perna dele, não sabia derrubar, não sabia nada do que era isso, só que eu fiquei com raiva dele, ele tá me fazendo de palhaça. Eu voei na perna dele, coloquei ele para baixo e comecei a bater na cara dele, no instinto, aí o professor começou a rir, aí ele perguntou o que você faz? Eu falei que fazia bio-medicina, aí ele falou: “Esquece essa porra, você é lutadora”. Três meses depois, já estava competindo e não parei mais, me encantei.*

Ana, ao ser submetida a esta espécie de ritual de agressividade, conseguiu mostrar um potencial de atleta, mesmo sem o domínio das técnicas da luta. Ana relata que, após sua entrada no Jiu-Jitsu, começou a se familiarizar, de tal forma que a rotina de lutas, treinos e competições foi se tornando sua principal atividade.

Sobre a entrada no MMA, faz uma espécie de revelação. Um episódio que dois amigos tinham que fazer um “sparring” (lutar um contra o outro) para se ajudarem a treinar para uma luta. Ana descreve que o significado daquela cena foi determinante para sua entrada no MMA.

Eu fui para Vitória da Conquista com esses dois amigos meus, fiquei 20 dias com eles acompanhando o treinamento deles e teve uma cena específica, que eu fiquei louca, parecia cena de um filme. O meu amigo tem uma casa, e ele está construindo, a casa toda mal acabada. No segundo andar ele colocou um tatame, ele colocou um monte de calça jeans com areia, não tinha janela ainda, apenas um saco pendurado e o Omar no meio, que era o professor dos meninos, na época, virou e falou: Vocês dois são amigos, então vamos sair na porrada, e os dois começaram a lutar na minha frente com aquele raio de sol, aquele saco de fundo, me deu uma luz, de pensar que queria fazer aquilo também, aí eu pensei, o que tenho que fazer para lutar isso aí também, aí comecei a tirar (lutar sem) o quimono.

A persistência de Ana em se tornar uma lutadora de MMA, em alguns momentos, tomou contornos extremos. Ana relata que *“No início da minha carreira eu fiquei grávida, quando eu estava no auge, então, todos acharam que eu ia parar com as lutas por causa da*

minha filha, mas não sou obrigada a parar de lutar porque minha filha está nascendo.”

Porém, não deixou de treinar até os 5 meses de sua gravidez, mesmo com todas suas limitações. Ana relata que, com a gravidez, sua família achou que ia parar de lutar.

Mourão (2002) aponta que as atletas, por vezes, ficam impedidas de realizar viagens atléticas, ou mesmo de dedicar-se em treinamentos de longa temporada. A autora aponta que tudo o que afasta a mulher do mundo da casa é algo que merece uma batalha. Entretanto, é possível perceber novas configurações nas relações de gênero. Adelman (2003), pesquisando amazonas profissionais, referenciou, que em alguns casos, os maridos vão às competições e ficam em casa cuidando dos filhos enquanto as esposas treinam.

Família e amigos

Ana declara que a aceitação da família e dos amigos foi um complicador para sua permanência como atleta profissional, pois “Não existia uma tradição familiar de lutadoras, [...] eu não tenho o histórico de atleta, muito menos de luta na minha família, minhas irmãs são duas *Ladys*”. Na sua cidade, o fato de se abdicar de algumas coisas do cotidiano, consideradas normais para as mulheres do seu meio social, despertavam certo estranhamento nas pessoas, “ninguém gostava que eu lutasse, pai, mãe, irmãs, ninguém, minhas amigas, porque eu bebia e parei de beber, porque quando eu chegava no interior, a gente encontrava as amigas e sentava em um bar para beber; quando comecei a treinar deixei de fazer várias coisas que eu fazia minha vida inteira.”

A rotina de treinos impôs um novo estilo de vida, diminuiu sua sociabilidade com amigos, principalmente, a vida noturna. Ana relata que, mesmo nos dias de hoje, sua família não gosta que ela lute, mas aceitam por ver que está dando certo, mesmo sem o retorno financeiro esperado.

Mulher, luta e masculinidade

Ana relata que, desde suas primeiras aulas de jiu-jitsu, não aceitava ser “aliviada” pelos parceiros de treinos por ser mulher: “[...] a minha primeira aula foi muito engraçada, porque já não era uma menina ‘não me toque’. Eu não aceitava que me aliviassem”. Ana considerava-se totalmente capaz e não queria que houvesse tratamento desigual pelo fato de ser mulher. “Mas eu queria fazer igual ao jeito do que todo mundo estava fazendo, eu nunca aceitei que me tratassem assim de forma diferente no treino.” Pois, segundo Ana, este fato não atrapalha seu desempenho nos treinos, porque no jiu-jitsu, a força não é um fator prioritário, mas a técnica bem executada.

Adelman (2003) entrevistando as construções de gênero no hipismo, identificou que, enquanto os pais pedem que o treinador pegue pesado com os meninos, solicitam que aliviem a filha. O que mostra que a prática esportiva das meninas é considerada um entretenimento ou ainda permanece o fantasma, cuja construção é muito antiga, da maior fragilidade das mulheres. No caso dos meninos, há maior apoio e reforço do esforço que demandam as ambições competitivas.

Ana elucida que, em alguns locais onde treinou, encontrava meninas que se apropriavam do MMA como um recurso para se aproximar dos lutadores: “[...] quando ia treinar com as meninas, eu estava para competir, aí vem falar do abdome do cara! Então eu machucava todas elas e deixava todo mundo fora do tatame para eu poder treinar. Na época me odiavam [...]”

Ferretti e Knijnik (2007) investigaram um grupo de lutadoras universitárias que se apropriaram da luta como uma forma de atividade física para cuidar do corpo. O grupo se afirma como treinadoras e não lutadoras à medida que lutam de forma suave. As informantes assumiram que esporte não tem sexo, acionam este discurso como uma forma de se proteger contra denúncias de sua sexualidade, ao mesmo tempo em que disparam críticas contra os

preconceitos e esteriótipos. Contudo, na afirmação do “suave”, não estariam aceitando a fragilidade ou delicadeza feminina?

Podemos verificar que com o compromisso e a dedicação com o MMA, Ana aspirava a uma inserção e sucesso como lutadora, enquanto as outras mulheres se apropriavam do MMA com outras aspirações. Ana afirma que a masculinização do corpo é inevitável, pois a carga de treino é muito intensa. Entretanto, apesar de sua aparência musculosa, faz questão de afirmar que mantém características femininas, procurando sempre manter sua vaidade e beleza, fazendo unhas e cabelo antes das lutas profissionais. Segundo Ana: “Eu não quero ser homem, quero ser uma mulher lutando. Eu explico isso muito para elas, deixa esse cabelo crescer menina, pelo amor de Deus, vamos fazer essa unha, vai lutar bonita”. Este discurso de Ana sobre a vaidade pode ser encontrado em outras pesquisas (Ferreti; Knijnik, 2007; Adelman, 2003). A reivindicação e argumentação a favor da vaidade do corpo atua como uma espécie de argumento para combater o esteriótipo de que alguns esportes masculinizam e podem influenciar as gestualidades das mulheres. Essas mulheres, ao afirmarem a necessidade de cuidar da beleza, pretendem, de certa forma, fortalecer e preservar a sua feminilidade no espaço esportivo que, tradicionalmente, possui identificação com a masculinidade. Portanto, o discurso da manutenção da vaidade é um argumento que procura mediar as identificações masculinas com os esportes de confronto. Essa é uma forma de mostrar que a mulher pode transitar neste espaço sem “deixar de ser mulher”.

Segundo Lovisolo, Soares e Bartholo (2006), a mulher veio para ficar no esporte. Os autores esclarecem que agora ela deve criar seus estilos, pensar seus valores, encontrar o modo de conciliar o esporte e as suas possibilidades de expressão nesse espaço, pois, se apenas se tratasse de igualar aos homens, isso reproduziria o ethos masculino. É indicada uma apropriação de características de uma luta tipicamente feminina, através da exibição e da valorização das características femininas: “[...] tem que ser duas gostosas tampando na

porrada igual a homem, é diferente, cara, você vê aquela mulher maior lindona batendo muito, isto que é legal de se ver.” O discurso de Ana parece reivindicar um espaço feminino, conforme Lovisolo, Soares e Bartholo apontam.

MMA e mercado profissional

De acordo com Ana, o mercado de lutas profissionais femininas de MMA está crescendo, pois a visibilidade das lutadoras está aumentando proporcionalmente ao número de praticantes. Os eventos de lutas de MMA possuem uma programação praticamente masculina. Sobre o mercado profissional ela relata que:

Geralmente rola 11 lutas masculinas e uma feminina em eventos tradicionais. Isso é proporcional à quantidade de garotas que tem para lutar, uma vez me perguntaram isso sobre a mídia, o que eu achava, porque a mídia não dava muita atenção para a gente, aí eu falo: claro que dá! É proporcional, porque você olha, no Brasil tem: eu, Chris, Vanessa, Karina, Michele, Amanda [...] O mercado está abrindo, porque a gente começou tudo isso; antes não tínhamos ponto de referência, mas as meninas têm, elas olham para a gente e sabem que são capazes.

O relato de Ana vai na contramão da maior parte dos estudos de gênero em que se reivindicam apenas um espaço igualado entre homens e mulheres, sem discutir a proporcionalidade e o valor de suas práticas (Lovisolo; Soares; Bartholo, 2006). De acordo com Ana o mercado das mulheres no MMA é proporcional ao número de praticantes no Brasil.

Considerações Finais

Podemos perceber que tanto as praticantes de futebol do clube Europa quanto Ana apontam a predominância da agressividade em suas brincadeiras e condutas consideradas masculinas como aquelas mais praticadas na infância. Dessa forma, organizam seus discursos

para fornecer coerência com a opção de entrada em esportes de reserva masculina, nos termos de Dunning.

Embora a entrada no esporte pareça ocorrer de forma tranquila, as praticantes, para se manterem no esporte, convivem com a desconfiança de suas opções sexuais, embora isso pareça ter perdido força e, sobretudo, capacidade de excluir. Nestes esportes, mesmo encontrando representações negativas sobre a participação de mulheres, estas representações não são determinantes para o abandono da prática. Mesmo com o grupo de adolescentes no futebol.

Uma forma de acomodar a permanência das mulheres nestes esportes tem sido o discurso em torno da busca da vaidade e do embelezamento das atletas. Este discurso é uma forma de legitimar a permanência das mulheres possibilitando novas formas de pertencimento a estes esportes que possuem uma identificação com os homens. O discurso do embelezamento é uma forma de ressaltar as características femininas. Por outro lado, o debate de gênero criticou exatamente o posicionamento de valorização das mulheres enquanto atletas em relação à beleza em detrimento de sua performance. Ao adotar o discurso do embelezamento, estaríamos na contramão do debate de gênero? Ou seriam apenas novas apropriações do esporte de confronto pelas mulheres?

Referências bibliográficas

ADELMAN, M. 2003. "Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina". *Revista estudos feministas*. Florianópolis, 11(2), Jul-dez, 2003.

CHAN-VIANNA, A. J; MOURA, D. L. 2007. "Gênero e educação física escolar: uma análise das evidências empírica sobre discriminação e sexismo". In: *XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte; II Congresso Internacional de Ciências do Esporte*.

DUNNING, E. 1992. “O desporto como área masculina reservada: notas sobre os fundamentos sociais na identidade masculina e as suas transformações” In: ELIAS, N; DUNNING, E. (org.) *A busca da excitação*. Lisboa: Difel.

FERRETTI, M. A. C; KNIJNIK, J. D. 2007. “Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias”. *Revista movimento*: Porto Alegre, v.13, n. 01.

GOELLNER, S. V. 2003. *Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física*. Íjuí: Unijuí.

KNIJNIK, J. D. 2001. “Mulheres no esporte: uma nova roupa velha”. *EFesportes Revista Digital* - Buenos Aires - Año 7 - N° 42 – Noviembre.

LOVISOLO, H. 1997. *Estética, esporte e educação física*, Rio de Janeiro: Sprint.

LOVISOLO, H; SOARES, A. J. ; BARTOLO, T. L. 2006. “Feministas, mulheres e esporte: questões metodológicas”. *Revista Movimento*: Porto Alegre, v.12, n. 03,p.165-191.

MENNESSON, C. 2000. “ ‘Hard’ woman and ‘soft’ woman”. *International Review For The Sociology of Sport*, Londres, v. 35, n. 1, p.21-33.

MOURÃO, L. “Vozes femininas e o Esporte Olímpico no Brasil”. 2002. In: TURINO, M.; DACOSTA, L. (org.). *Coletânea de textos em estudos olímpicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho.

SANTOS, M. S. 1998. “Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos”. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, Out. vol.13, no.38.

STIGGER, M. P. 2001. *Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico*. Campinas: Autores associados.

VELHO, G. 2003. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. 3.ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro.

Autores

Diego Luz Moura é Mestre em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF) e docente do Centro Universitário da Cidade (UniverCidade).

Gilmara dos Santos Bento é Graduada em Educação Física pelo do Centro Universitário da Cidade (UniverCidade).

Felix Oliveira dos Santos é Graduado em Educação Física pelo do Centro Universitário da Cidade (UniverCidade).

Hugo Lovisolo é Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional (UFRJ) e docente do departamento de comunicação social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Endereço

Diego Luz Moura – lightdiego@yahoo.com.br

Rua Silva Xavier 187, AP 202. Bl A

CEP 20751-010

Abolição – Rio de Janeiro – RJ

Notas

¹ Estamos denominando de esporte de confronto e agressividade, as práticas esportivas que necessitam do embate corporal e intenso contato físico. Há de se destacar que, quando falamos em agressividade, estamos nos referindo a uma prática que recebe uma imagem de agressiva a partir de uma lógica cultural e contextualizada.

² O MMA é o nome atual para a prática que ficou reconhecida no Brasil pelo nome de Vale-tudo.

³ Nos termos de Velho (2003).

⁴ A insistência parece ser uma característica forte da personalidade de Sara, que não tinha condições para pagar a

mensalidade e comprar o uniforme e, como não podia pedir a sua mãe, pois essa não a tinha deixado jogar futebol, começou a vender latinhas e bolsas usadas na feira, até quando o coordenador do clube forneceu gratuitamente o uniforme e a isentou de pagar as mensalidades. Para esconder o uniforme de sua mãe Sara, lembra que “Quando ela [a mãe] ia trabalhar, eu lavava o uniforme e colocava para secar no meio de toalhas e passava o ferro para secar mais rápido e colocava na mochila”.

⁵ As intervenções de regras foram: a divisão de categorias por peso, a obrigatoriedade das luvas, protetor genital e bucal; a possibilidade do árbitro interromper o combate; a proibição oficial de golpes baixos, cabeçadas, cotoveladas. Foi proibido acertar golpes na nuca e nas costas e em alguns eventos proibiu-se chutar o adversário quando ele está no chão. Inclui-se o nocaute, que poderia ocorrer através de diferentes situações: a) quando um dos lutadores não consegue mais se defender dos golpes; b) quando o lutador bate no tatame indicando que não suporta mais prosseguir no combate; c) quando o treinador joga a toalha no ringue; d) quando o lutador desmaia ou o juiz de arena decide que este não pode mais continuar e; e) quando o lutador começa a sangrar e o ferimento não estanca. Foi indicado o tempo de luta, embora este tempo fique a critério dos organizadores de cada evento.

⁶ As lutas casadas são os combates que são planejados previamente pelos organizadores.

⁷ As regras foram as seguintes: quando a luta fosse para o chão, pois não valeriam golpes no rosto; golpes só poderiam ser diferidos quando a luta estivesse em pé.